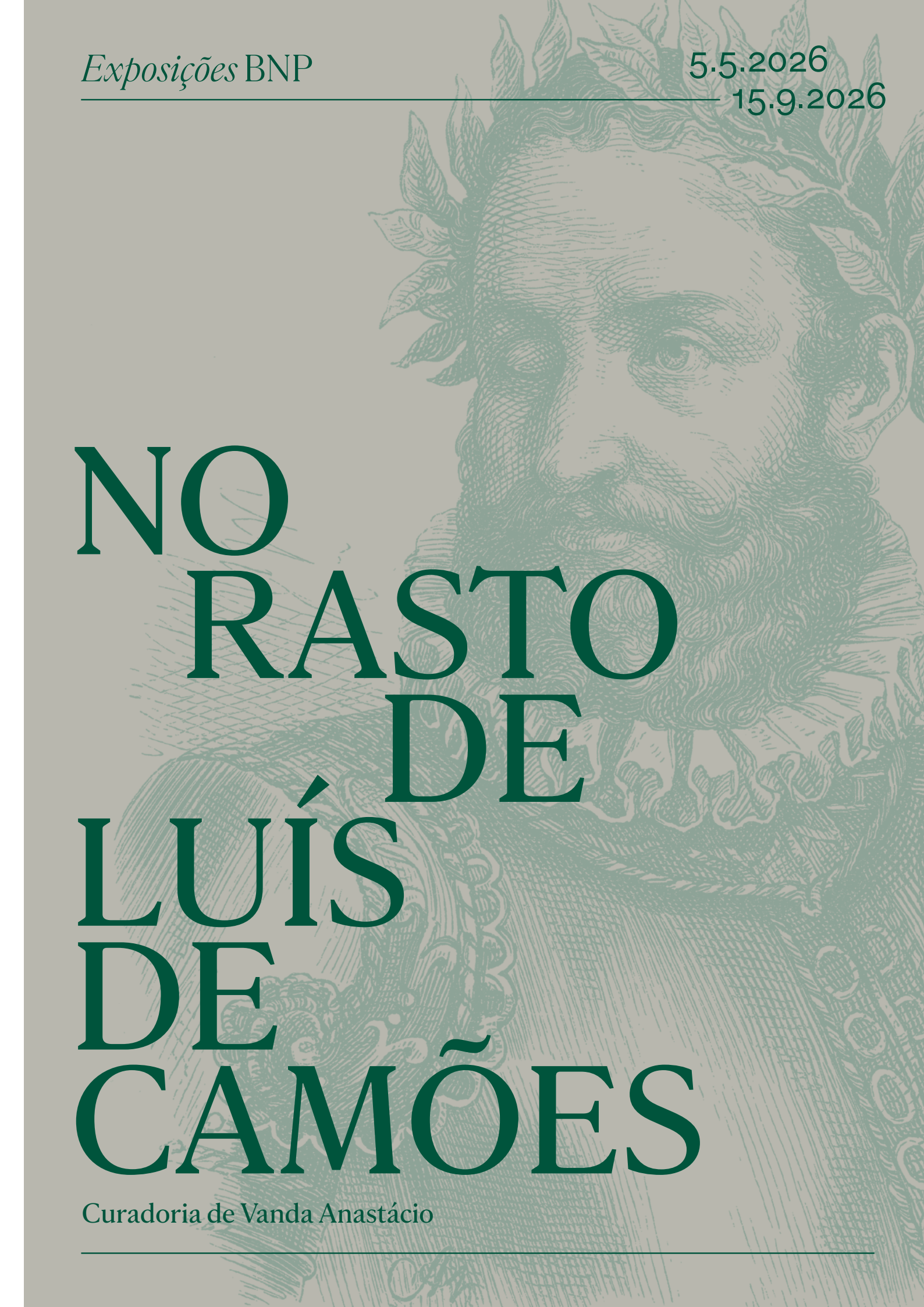


*Exposições BNP*

---

5.5.2026  
— 15.9.2026



NO  
RASTO  
DE  
LUÍS  
DE  
CAMÕES

Curadoria de Vanda Anastácio

---

# No rasto de Camões

Poucos autores terão deixado um rasto tão longo e tão profundo na memória coletiva como Luís Vaz de Camões.

Os primeiros usos coletivos da biografia e da obra camonianas datam do início do século XVII, do tempo da Monarquia Dual. Aos olhos dos primeiros biógrafos do poeta, *Os Lusíadas* apareciam como um símbolo, as façanhas narradas eram prova da vocação heroica de Portugal e Luís de Camões era o representante das virtudes desejadas para a pátria anexada.

A associação entre a figura de Camões e Portugal deixou um longo rasto na memória cultural. A plasticidade do mito camoniano e a imprecisão dos contornos históricos da personagem sobre a qual este foi sendo construído parecem ter garantido a longevidade da sua memória.

Ao longo do século XX, por exemplo, Luís de Camões e a sua poesia foram apropriados por forças políticas e por ideários antagónicos: representantes do Estado Novo sugeriram leituras ditatoriais, neocolonialistas e misóginas dos seus versos, enquanto os seus opositores adaptavam os poemas camonianos a letras de canções contestatárias que reclamavam a liberdade e anunciavam a Revolução.

O rasto deixado por Luís de Camões parece indicar que cada época criou um Camões à sua medida e cada comunidade de língua portuguesa projeta na sua figura e nas leituras das obras que escreveu as suas próprias dores, anseios e angústias.

A exposição *No Rasto de Luís de Camões* procura pôr em evidência diferentes aspetos da figura do poeta e dos significados que convoca. Está organizada em quatro núcleos:

**Núcleo I:** ilustra o *problema biográfico*, ou seja, a dificuldade em construir uma biografia fidedigna de Luís de Camões a partir de dados e documentos escassos.

**Núcleo II:** dedica-se ao *problema bibliográfico*, isto é, a dificuldade em identificar, claramente, o que Camões escreveu.

**Núcleo III:** *Ciência, tecnologia e inovação no tempo de Camões: relatar, medir e experimentar o mundo*, recorda aspetos do desenvolvimento científico e tecnológico do Renascimento que a obra camoniana convoca.

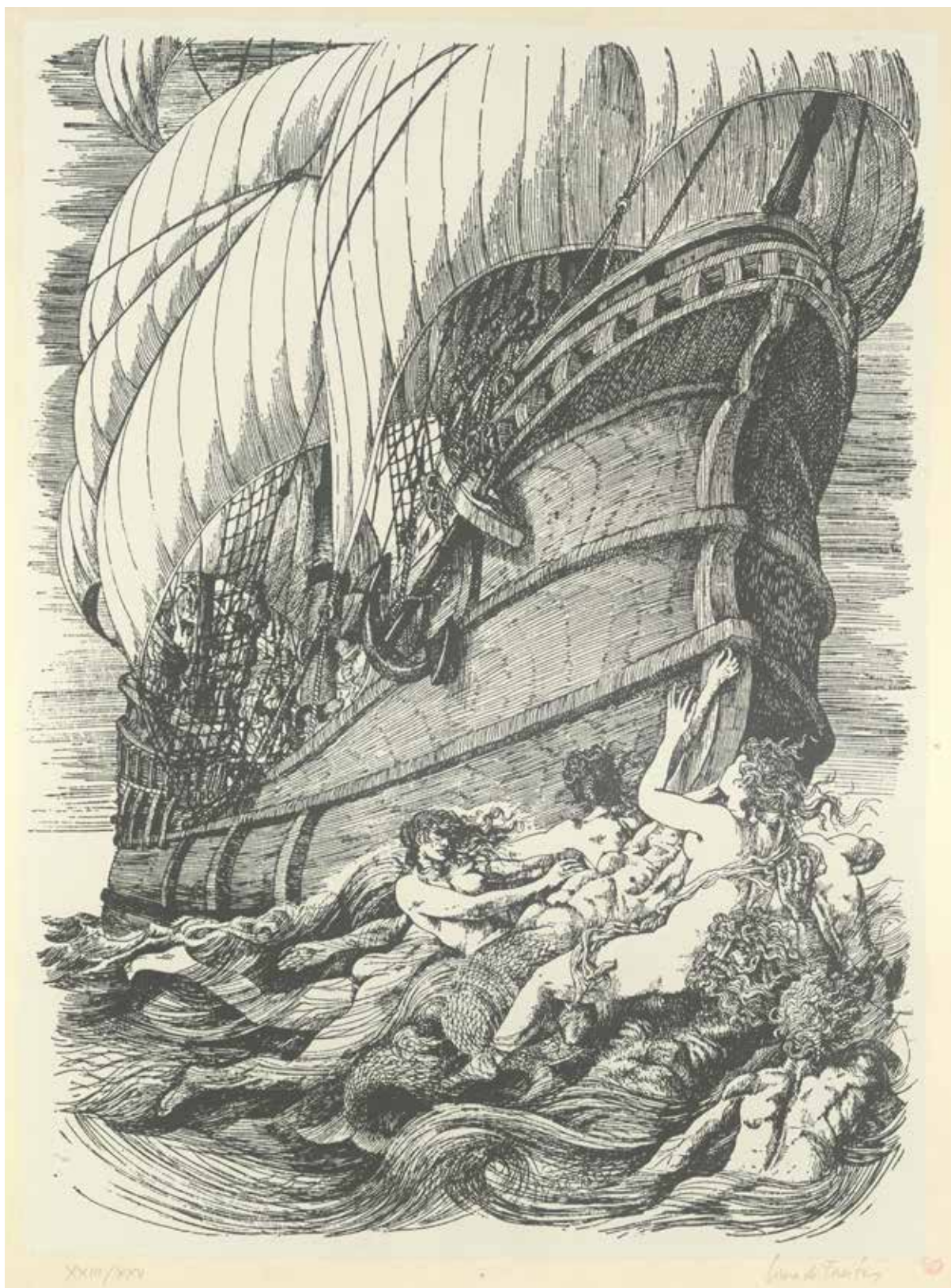
**Núcleo IV:** sublinha a pujança da *produção musical* inspirada na biografia e nos versos de Luís de Camões.

Vanda Anastácio

Curadora da exposição

Põe-se a deusa com outras em direito  
Da proa capitaina, e ali fechando  
O caminho da barra, estão de jeito  
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.  
Põem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detrás a forte nau forçando;  
Outras em derredor levando-a estavam,  
E da barra inimiga a desviavam.

— *Os Lusíadas*, Canto II, estr. 22



José Lima de Freitas (1927–1998), *Nereidas a empurrar as naus portuguesas*.  
Serigrafia; 57 cm × 45 cm. Lisboa: Realizações Artis, 1972. BNP CAM. 184 A.

# Núcleo I

## O rasto biográfico



Primeiro retrato de Luís Vaz de Camões, publicado em *Discursos varios politicos* de Manuel Severim de Faria, 1624. BNP RES. 4170 P.



Camões na prisão em Goa, século XVI. BNP CAM. 252 A.

Quase tudo o que se sabe acerca da biografia de Luís Vaz de Camões é incerto. Desconhece-se o lugar onde nasceu, há dúvidas sobre as suas relações familiares e são múltiplas as conjeturas sobre os pormenores da sua trajetória. Muitas perguntas acerca do modo como terá adquirido os conhecimentos que as suas obras revelam, sobre quem seriam as personagens com quem se relacionou e até sobre a extensão real das suas deambulações pela África e pela Ásia continuam sem resposta. A incerteza paira também sobre a sua obra. Se é certo que Luís Vaz de Camões é o autor

de *Os Lusíadas*, já é mais difícil determinar com precisão quantos poemas escreveu e quais lhe podem ser efetivamente atribuídos.

Ainda assim, o poeta e a sua poesia estão muito presentes na memória coletiva dos falantes do português, que usam com frequência expressões cunhadas nos seus versos sem disso terem consciência.

Objeto de múltiplos investimentos simbólicos, ao longo do tempo Luís de Camões foi sendo construído como um *lugar de memória* e um ponto de convergência da memória comum dos povos de língua portuguesa.

## Núcleo 2

# O rasto bibliográfico

### O mistério dos pelicanos

A primeira edição de *Os Lusíadas*, publicada em 1572, apresenta características intrigantes.

O pormenor mais visível surge logo na portada, que ostenta, ao centro, um pelicano ferindo o peito com o bico para alimentar os filhos com gotas do seu próprio sangue. A figura ilustra a ideia, difundida a partir da *Historia Natural* de Plínio, de que os pelicanos sobreviviam à primeira infância graças ao sacrifício e à dedicação dos pais.

D. João II adoptou este símbolo como «empresa», para representar a relação entre o monarca perfeito e os seus súbditos, o que contribuiu para popularizar essa imagem.

Em alguns exemplares de *Os Lusíadas*, os elementos decorativos da portada encontram-se invertidos: nuns exemplares a figura do pelicano tem a cabeça inclinada para o lado direito do observador e noutros exemplares a cabeça está inclinada para o lado esquerdo.

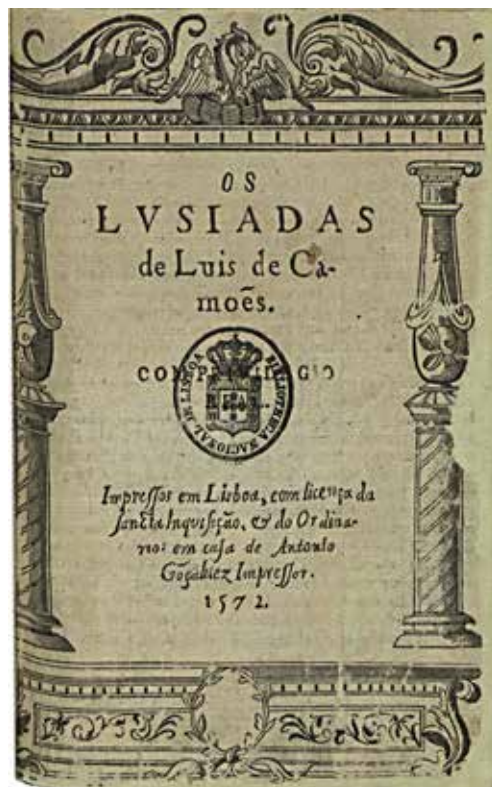
A composição do texto oferece, também, variantes ortográficas e textuais.

Manuel Faria e Sousa (1590–1649) considerava que a obra teria tido tal êxito que, no mesmo ano, teriam sido feitas duas edições.

Estudiosos posteriores sugeriram que poderia ter havido uma edição «pirata» ou uma contrafação, realizada por motivos comerciais, para tirar partido da fama de Luís de Camões e d' *Os Lusíadas*.

Uma terceira hipótese propõe que se trate, simplesmente, do resultado do próprio processo de edição: os lapsos eram corrigidos à medida que as folhas iam sendo impressas, mas as folhas já impressas eram aproveitadas e incorporadas nos exemplares.

Ainda hoje a discussão continua acesa entre os estudiosos.



Primeiras edições de *Os Lusíadas*, 1572.

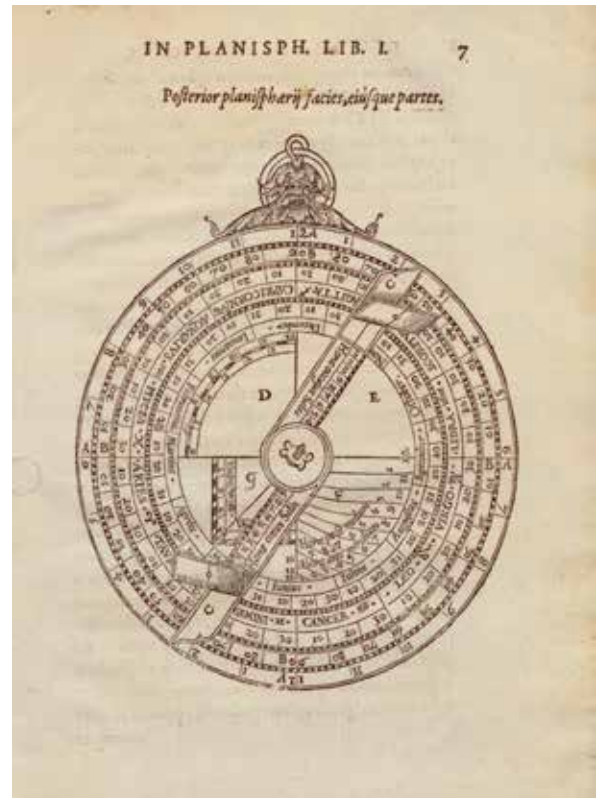
## Núcleo 3

### Ciência, técnica e inovação

Luís Vaz de Camões viveu uma época fascinante do ponto de vista do desenvolvimento da ciência, da técnica e da inovação.

A Europa do Renascimento assistiu à expansão da imprensa de tipos móveis, ao alargar dos limites da geografia do mundo, aos grandes avanços da astronomia, da botânica e das ciências médicas.

A ciência atual é devedora desse surpreendente mundo novo onde as antigas crenças, as leituras dos filósofos, as convicções alimentadas por séculos de lendas em circulação na tradição oral e as leituras literais dos textos bíblicos conviviam com os avanços científicos que os desafiavam através da experiência direta e da observação.



Representação de astrolábio.

In: Juan de Rojas y Sarmiento. *Illustris uiri D. Ioannis de roias Commentariorum in astrolabium*, 1551, f. 7.

BNP.S.A. 1840 V.



Ptolemeu e Astronomia.

In: Gregor Reisch, *Margarita philosophica*, 1535, f. 126v.

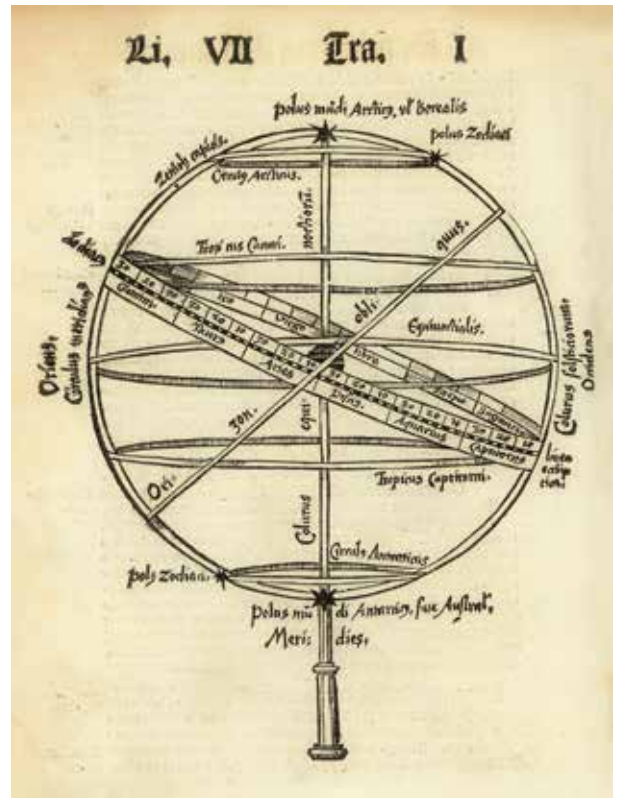
BNP RES. 3417 V.

«Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava)».

— *Os Lusíadas*, Canto V, estr. 19



Representação de unicórnio.  
In: *Ortus sanitatis*. [Estrasburgo: Johannes Pruss], 1507, f. cxxvj.  
BNP RES. 1424 V.



Esfera no plano (*Sphaera in plano*).  
In: Gregor Reisch. *Margarita philosophica*, 1535.  
BNP RES. 3417 V.



O interior de uma oficina tipográfica no final de Quinhentos.  
Jan van der Straet (1523-1605); Theodor Galle (1571?-1633?). *Impressio Librorum*.  
Gravura, matriz: 20,5 × 26,5 cm. In: *Nova reperta*.  
[Antuérpia] : Phls. Galle excud., [1591/1605], f. 25. BNP E.A. 15//4 P.

# Núcleo 4

## O rasto musical

### A música e Camões

A música inspirada em temas camonianos comprova a universalidade do imaginário associado a Luís de Camões.

A partir do século XIX, compositores e libretistas de renome, em Portugal, França e Itália — como Domingos Bomtempo (1775-1842), Gaetano Donizetti (1797-1848), ou Jakob Meyerbeer (1791-1864) e Eugène Scribe (1791-1861) —, colocaram o poeta no centro das suas criações.

O rasto de Luís de Camões na música portuguesa prolongou-se até aos nossos dias. Grandes compositores contemporâneos — como Vianna da Motta (1868-1948), Luís de Freitas Branco (1890-1955), Fernando Lopes-Graça (1906-1994), Joly Braga Santos (1924-1988) ou António Victorino de Almeida (n. 1940) e César Viana (n. 1963) — criaram música a partir deste universo simbólico. Nem a música popular escapou ao seu fascínio, do fado à canção contestatária.



Joly Braga Santos (1924-1988), *Sexta Sinfonia*, 1972.  
Dedicatória: «(à minha filha Maria da Piedade).» BNP EMUS7 22  
© Herdeiras de Joly Braga Santos.

### Exposição *No rasto de Luís de Camões*

Coordenação geral Diogo Ramada Curto e Paula Gonçalves | Curadoria Vanda Anastácio | Comissão Científica Cristina Costa Gomes, Hervé Baudry, Isabel Almeida, João Carlos Garcia, Joaquim Caetano, Luís Mendonça de Carvalho, Maria da Glória Santana Paula, Maria de Lurdes Correia Fernandes, Rui Manuel Loureiro, Rui Magno Pinto, Teresa Nobre de Carvalho, Tiago C. P. Reis Miranda | Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões *Comissário-Geral* J. A. Cardoso Bernardes | *Produção executiva* Serviço de Atividades Culturais e Relações-Públicas (BNP) | *Apoio à produção* Direção de Serviços Bibliográficos Gerais, Direção de Serviços de Coleções Especiais, Divisão Administração Geral, Serviço de Conservação das Coleções (BNP) | *Design expositivo e reabilitação* Francisco Aires Mateus | *Design gráfico* Atelier Pedro Falcão | *Montagem e instalação* STRIPELINE | *Produção gráfica* VPRINT | *Seguros* SECOSE | *Transporte* GLOBALFINEARTS | *Apoio* MARGÃO | ROTA DAS ÍNDIAS

### Agradecimentos

Arquivo Nacional Torre do Tombo | Ateneu Comercial do Porto | Biblioteca da FLUL — Teatro da Cornucópia | Câmara Municipal de Leiria / Centro de Diálogo Intercultural de Leiria — Casa dos Pintores | Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves | Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática Fundação das Casas de Fronteira e Alorna | Museu Bordalo Pinheiro | Museu da Farmácia | Museu de Lisboa | Museu de Marinha | Museu Militar de Lisboa | Museu Nacional de Arte Antiga | Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado | Museu Nacional de História Natural e da Ciência | Museu Nacional Soares dos Reis Sociedade de Geografia de Lisboa | Teatro Maizum

Alexandre Arriaga e Cunha | Bernardo Trindade | Isabel de Albuquerque | João Campilho | Luís Bigote Chorão | Luís Mendonça Carvalho | Maria Cristina Duarte | Marta Lourenço | Patrícia Telles | Silvína Pereira

Campo Grande, 83 — 1749-081 Lisboa Telf. 351 217 982 155 [www.bnportugal.gov.pt](http://www.bnportugal.gov.pt)